



A ESCOLHA DE

LEONOR BEZA
Presidente
da Fundação
Champalimaud

«É um médico cientificamente preparado para fazer avançar a Ciência, na prevenção e no tratamento de doenças que, no caso dele, é, predominantemente, o cancro do aparelho digestivo. Numa área em que os números maus são muito elevados, precisamos de saber mais e de preparar melhor as pessoas para conseguirem detetar a doença num momento precoce e tratá-la. É novo, cheio de ambição e determinação, estuda e trabalha muito. Ele pertence a uma categoria de pessoas muito importante para que avance o conhecimento científico das doenças. Precisamos de mais médicos a fazer Ciência.»



TITEL THE BARRA

NUNO FIGUEIREDO

O cientista preocupado com os doentes

É novo, mas já apresenta um currículo raro em Portugal: é cirurgião, dedicado à área oncológica, e faz ao mesmo tempo trabalho de investigação. Uma opção a favor dos doentes POR SARA SÁ

Por detrás da parede de vidro do consultório branco imaculado, na Fundação Champalimaud, em Lisboa, um painel colorido mostra pessoas a escalar uma parede. Há esforço na cena, mas também determinação e vitória naqueles que chegam lá acima. Nuno Figueiredo, 35 anos, cirurgião, não participou na escolha da pintura, mas admite que é uma boa metáfora para o que se passa no rés do chão do edifício amplo. Neste piso, tratam-se pessoas, enfrentam-se batalhas pela vida e pronuncia-se, muitas vezes, uma palavra que ainda assusta: cancro. No andar de cima, procuram-se novos caminhos, soluções à medida, capazes de fintar a doença e as suas muitas estratégias de ataque. O cirurgião tem um pé em cada piso. No laboratório, tenta aperfeiçoar as técnicas cirúrgicas e as opções terapêuticas na sua área de eleição: a cirurgia do cólon e reto. Não é uma opção de carreira comum em Portugal. Mas, para o cirurgião, faz todo o sentido. «É a chamada ciência de translação, com investigação aliada à cirurgia. Permite resolvermos alguns dos problemas que surgem no bloco operatório.»

Só no final do secundário é que se decidiu por Medicina, depois de ter considerado

Engenharia ou Física. Já a opção pela especialidade surgiu logo no primeiro ano da licenciatura. «Adoro operar, sinto-me muito bem, no bloco.» Finda a especialidade, seguiu o doutoramento em Formação Médica Avançada, da Gulbenkian/Champalimaud. «Foi uma oportunidade de ouro. Reformata-nos a cabeça», sublinha.

«É reconfortante para um doente saber que o seu médico está envolvido na investigação», acredita. Esta multiplicidade de funções implica muito sacrifício e a harmonia mantém-se «graças ao apoio da família». Nem sempre chega a casa a tempo de ver as filhas, de 3 e 5 anos, acordadas, e o telemóvel está sempre ligado. «Frequentemente, 'levo' os doentes comigo para casa. O que me vale são as brincadeiras com as minhas filhas, nada me descontrai mais», confidencia.

Uma vontade férrea de oferecer as melhores terapêuticas e a convicção de que pode fazer a diferença alimentam o seu grande sonho: «Temos de ser capazes de propor ao doente várias opções, desde a cirurgia radical à mini-invasiva. Ou até mesmo evitar a operação. Não faz sentido dar um tratamento igual a todas as pessoas». E afirma, sem lirismos: «O que eu quero é que, daqui a dez anos, não haja um único doente para quem não tenhamos solução.»

BI

Idade: 35 anos
Atividade: cirurgião e investigador na Fundação Champalimaud. Especialista em cirurgia do cólon e reto. Doutorado pelo Programa Gulbenkian de Formação Médica Avançada